

# A QUINZENA

PROPRIEDADE DO CLUB LITTERARIO

ANNO II

GERENTE—MANOEL DE OLIVEIRA PAIVA

N. 5

FORTALEZA, 23 DE FEVEREIRO DE 1888.

## SUMMARIO

Expediente ;  
Graphologia criminal. — J. DE SER-  
PA ;  
De preto e de vermelho. — GIL.  
Os insectos na fecundação dos  
vegetaes. — ANTONIO BEZERRA.  
Pelo mundo artistico ;  
Duvidas. — ANTONIO SALLES ;  
Phases. — R. J.  
A saude de um anjo. — JANE DA-  
VV.  
O lazareto — RODOLPHO THEOPHI-  
LO.  
Annuncios.

## EXPEDIENTE

### Assignaturas

Anno . . . . . 68000  
Semestre . . . . . 48000

Não se accitam assignaturas por  
menos de um semestre.

ADMINISTRAÇÃO

Rua do Major Facundo 54

## Graphologia criminal

(NOTAS DE LITTERATURA JURI-  
DICA)

Vivemos em um seculo de  
critica e de analyse. Tudo  
se examina e investiga. « En-  
sinou-se-nos. em tudo, diz  
Daniel Spitzer a perguntar —  
porquê? — e não passa cousa  
alguma, que não tenha força  
para justificar-se deante d'es-  
se — quem vem lá? — proferido  
pela sciencia. (1). »

(1) Dr. Tobias Barretto.  
*Menores e Loucos*, pag. 33.

E', pode-se dizel-o, uma  
tendencia da época. E a ella  
obedeceu o grande psychia-  
tra e profundo observador  
italiano Cezare Lombroso es-  
crevendo o seu monumental  
trabalho — *L' Uomo delinquen-  
te*.

Nesse livro revolucionario,  
digno de ser lido, não só pe-  
la celebridade do autor, mas  
principalmente pelos thesou-  
ros de saber nelle accumu-  
lados, Lombroso afastou se  
muito da idéa exposta e de-  
fendida com ardor pelos pa-  
thologos do crime. O eminen-  
te professor italiano conside-  
ra o delicto e a loucura phe-  
nomenos *semelhantes*, mas  
não *identicos* « Como a doen-  
ça, o delicto tem a sua *ethio-  
logia*. tem mesmo a sua *tera-  
pia*. mas não é uma doença

« Da mesma forma que as  
affecções marbosas propria-  
mente ditas se explicam, ás  
mais das vezes, pela lei bio-  
logica da hereditariedade, as-  
sim tambem os crimes são  
para elle quasi sempre re-  
bentos de *atavismo*, sem que,  
contudo, uma cousa se con-  
funda com a outra » (2).

Mas, ao mesmo tempo que  
o notabilissimo autor do *Ho-  
mem delinquente* se asupe-  
riora a maioria dos escriptores  
que se têm occupado do assum-  
pto, apresenta-nos, no seu *hy-  
perbolismo scientifico*, verda-

(2) Dr. Tobias Barretto  
Estudo sobre C. Lombroso,  
pag. 158.

deiras hypotheses como pon-  
tos assentados na sciencia.

Para provar este asserto,  
basta estudar o capitulo da  
obra consagrado ao *modo de  
escrever dos criminosos*, que  
o Dr Tobias Barreto cha-  
ma muito apropriadamente  
parte *graphologica* do crime.

Pensa o illustre psychia-  
tra, que assim como os gestos  
d'um individuo, a sua voz, a  
sua maneira de pronunciar,  
a sua marcha, todos os phe-  
nomenos devidos á acção de  
certos musculos, dão muitas  
vezes indicações uteis sobre  
o estado de sua alma, trata-  
ndo-se aliás de movimentos  
instantaneos, que desappare-  
cem apenas produzidos; do  
mesmo modo a calligraphia,  
que é o resultado de um movi-  
mento que permanece duran-  
te muitos seculos, depois de  
manifestado, pode caracteri-  
sar perfeitamente o crimino-  
so. (3)

E depois de lamentar  
que os estudos d'essa especie  
enham tido por objecto a sa-  
tisfação de uma curiosidade  
pueril e não um esclercici-  
mento scientifico, diz á pag.  
484 da sua obra .

« Si je résume les études  
faites sur mes autographes,  
(que je dois á l'obligeance de  
M. M Alfred Maury, Dire-  
cteur des Archives de Fran-  
ce, de Muoni, de Beltrani—  
Scalia) dont le nombre s'élève

(3) *L' Uomo delinquente*,  
edic. franceza, pag. 483.

à 521, je crois pouvoir les diviser en deux groupes bien distincts.

« Le premier groupe est constitué par les *homicides*, les *voleurs de grand chemin*, les *brigands*. La plus grande partie d'entre eux est *caractérisée* par un allongement des lettres, parce que les gens du métier appellent l'écriture gladiolée, c'est-à-dire la forme plus curviligne et ou même temps plus saillante du prolongement des lettres, soit en haut, soit en bas. Chez un bon nombre, la barre du *t* est forte ou prolongée, comme on le remarque généralement pour les gens de guerre et les personnes énergiques; chez quelques autres les lettres forment avec leurs traits des angles aigus. Chez tous, la signature est ornée d'une quantité de petits traits et d'arabesques qui la distinguent aisément de toute autre.

« Le second groupe, exclusivement composé de voleurs, se distingue nettement de celui qui précède: il offre pas de lettres gladiolées, mais toutes sont écartées, molles; la signature n'a rien de saillant, est presque dépourvue de paraphes. En somme, cette écriture se rapproche de celle de la femme et n'a pour ainsi dire pas de caractère. La caractéristique du groupe se rencontre dans la signature d'Honeyman.

« L'écriture des femmes homicides ressemble beaucoup à celle des assassins du sexe fort. En général, toutes se rapprochent de la forme virile.»

Criticando esta parte da obra de Lombroso, escreve o Dr. Tobias Barreto, *Menores e Loucos*, pag 163:

« Sem contestar o fundo de verdade que ha nas apre-

ciações do sabio italiano, não é possível, contudo, acceder se a todos os seus propositos. O máo caracter de letra de um Cartouche ou de um vidocq pode servir para juntarse, como complemento, ás muitas outras provas do máo caracter do homem; mas considerado em si mesmo, isolado de outros factos, como indicio de qualquer qualidade psychica, é mui difficil crer que signifique alguma cousa, digna de attenção »

Profundamente justa esta observação.

A escripta pode fornecer dados mais ou menos seguros para se conhecer a situação moral, o estado d'alma do individuo - no momento de traçal a. Mas é muito dubitavel, que possa caracterizar precisamente uma classe de homens, e d'entre estes os que são dados a taes ou taes crimes. Affirma Bernard Schmitz que defeitos de pronuncia *podem se tornar* defeitos de caracter. E' o que se pode dizer da escripta. A calligraphia, em sua eloquencia muda, pode fornecer provas de um crime, porque assignala o estado psychico d'aquelle que a traçou. Mas d'ahi a uma indução scientifica vai uma distancia enorme.

E ha ainda a considerar os grandes delinquentes ou se trate d'aquelles que Lombroso denomina *criminosos natos*, ou d'aquelles que, dotados de qualidades extraordinarias, se habituaem facilmente a pratica do crime. Estes podem calligraphar - no momento do delicto ou sob as impressões d'estes, -- com a mesma segurança e tranquillidade das situações normaes.

Então, a que se reduzem as theorias do notavel psychiatra italiano?

Onde a base dos seus estudos graphologicos?

Abstracção feita de uma ou outra injustiça, veem a proposito estas observações d'um profundo criminalista brasileiro:

« Em quanto a philosophia de Kant, Fichte e Hegel dominou o mundo pensante, foi justamente que o numero dos criminalistas philosophos, em nosso seculo, tornou-se legião.

« Hoje, porem, que a direcção dos estudos é diversa, hoje que a philosophia cedeu o passo ás *sciencias naturaes*, de cujos triumphos a medicina é a melhor representante e mais apta vulgarisadora, apparece o reverso da medallha. Os penalistas pathologicos e *psychiatras* surgem aos grupos e tornam, com as suas idéas, pretendidas originaes, não poucos livros e revistas completamente este-reis.

« E' um defeito caracteristico da actualidade. Todos os paizes cultos têm mais ou menos pago o seu tributo á essa tendencia da época. Mas sobretudo na Italia é que o phenomeno já vai tomando as proporções de *mania*. Alli surgiu nos ultimos tempos uma nova escola, que agrupada em torno do professor Lombroso e de outros medicos, *somente medicos*, exagerando por demais a pequena somma de verdades, que a *psychiatria* pode fornecer á *theoria do crime*, tem chegado quasi ao ponto de fazer do direito criminal um anachronismo, e do criminalista um órgão sem funcção, um órgão rudimentar da sciencia juridica.»

Consequencia da falta de limites, nos dominios das sciencias, e mais ainda do *hyperbolismo scientifico* d'es-

sa jeune école presomptueuse, conforme á expressão de Renan

Felizmente para a humanidade as legislações estão ainda muito longe de se deixar fascinar pelo brilho das novas doutrinas. Entre a theoria e a pratica medeia ainda um verdadeiro abysmo.

J. DE SERPA.

## De preto e de vermelho

Um jaqueo encarnado, com enormes botões de papelão, estava a cair das costas da cadeira. Enroscava-se pelo tijolo uma calça de chita. Um collete azul, com um correntão fofo, escanchava-se, como por acaso, no puuho da rede, e no relógio levíssimo escapado da algibeira lia-se uma hora e uns minutos mais adormecidos que o proprio dono. A camisa, toda manchada, como si fôra de um assassino, esparramava-se no pó, e advinhava-se por baixo d'ella a forma de um chapeo de feltro. Um sapato pisava na meza, revirado, entre os livros e os frascos.

Da porta entrecerrada estendia-se uma nesga mais clara, e pelas telhas penetrava em pequenas linguetas symetricas o dia exterior.

O tinteiro, entornado, com o fundo azul para cima, com a larga bocca embeijava a tinta derramada como um lago de agua preta. Erguida sobre a meza a estante, com os livros silenciosos de rotulos disparatados com a occasião uns em pilha, uns escorranos e nos outros como bois de carro.

Engoiavam se no cabide roupas de linho servidas.

uma robe de chambre de chita alegre, e andainas diarias. Algumas peças cabidas redobradas pelo proprio peso. N'um gancho um palitô branco retesava as mangas bilateralmente. Sentia se um odor de raizes, de poeira, e de suor.

As varandas da rede não denunciavam o menor movimento, e dentro d'ella se estendia um corpo quasi na direcção das aguas tranquilas.

Entretanto, positivamente, o rapaz não dormia, embora estivesse insensivel a coscega que fizessem as patas de uma mosca passeiando-lhe pelo nariz.

Elle estava era n'um baile de mascaras, melhor do que o verdadeiro, augmentado, completado, com dilicias e com horrores...

Elle sentia atroar pelos salões a pancadaria da quadri-lha pavorosa e damnada e louca, vermelha como o sangue vivo, e negra como uns olhos que conheço.

Donzellas trajadas phantasticamente... mancebos de mascara levantada...

Atravez da vidraçaria colorida elle, do seu galope onde o assoalho fugia, avistava duellos sob as espirradeiras do jardim á luz do gaz notivago.

Aconteceu encontrar n'um par cuja dama vestia de rinha do oriente... Havia grupos de homens de ponto em branco nas portas... Além sobresahia um resplendor n'uns cabellos castanhos... Tremeluziam as cores das phantasias... Via-se braços nus, collos nus... E um adoravel cheiro de virtude envolvia tudo como a luz dos grossos candelabros.

De mãos dadas, apertava e affrouxava o cordão dos pa-

res no en avant tous... O circulo entrava a ondular-se na grande chaine, como as escamas de uma cobra que caminha. De vez em quando uma enluvada maosinha demorava-se mais na d'elle, e temendo o choque dos olhares, punha-se a vista era no peito alheio com uma polidez disfarçada.. E sentia se ali uma irresistivel attração virtuosa de sexo a sexo... Que enorme differença entre aquelle saráo cearense no pleno gozo das regalias da instituição da familia e as dansas orgiaticas onde elle oxidara o rijo ferro da sua juventude!

Positivamente, o rapaz não estava dormindo... Agora ia de braços, com outros muitos, e no jardim, na grande luz das lanternas, debaixo da grande noite das estrellas libavam, trocavam ideias, gargalhadas, sentimentos...

Ali sob aquelle galho de jasmims rutilava um barrete phrygio n'um rosto moreno... por tras de uma cadeira encostada a abundante copa de uma palmeirita branqueava uma grinalda de penas, d'onde desciam setinosos cabellos castanhos para um traje canadense... ia, pujante e simples como a lei de Moysés, uma Rachel por aquella avenida e duas outras donzellas metamorphoseadas em duas grandes flores

Luze acolá o alfange de uma Judith e o gume de um ferro de ceifa... Pela vidraçaria gothica, como si fossem pinturas semoventes no vidro, passam mascarados val-sando... um anjo vestido de diabo, e uma nobre menina com o avental e a touca de servente... aquella conduz a rede e o gorro de pe cador... uma, de olhar brandamente sublime tem a tiracollo um cantil de vivandeira onde na-

turalmente está o nectar do batalhão das musas . . .

Treme no tumulto das cabeças a pluma de um chapeo de caçador...

A orchestra agora é branda e sinistra, depois garganteia, ora empurra os pares, ora os deixa correr como a baleia fisgada... Sente-se peito contra peito o arfar de respirações... eternisa-se o minuto bronzeamente gravado na memoria... a pobre nudez humana está completamente transubstanciada pelo milagre das vestimentas e da nevrose... e é-se obrigado a admittir a idéia necessaria de um paraíso...

Ha memnas tenues como a garça e singellas como as grandes magnolias e de vozinha tepida como um afago de rolas, que parecem satisfazer-se apenas e bastante com o calor irradiante do grande sol do prazer que a todos manda... são como os serafins, cujas almas subiram pela sua propria leveza ao morrer o corposito nos braços das mãos de infinito olhar sentido.

Ha outras que si tivessem azas iam estas de uma porta a outra... e são como os achanjos valentes los combates miltoneanos... E nuvens surgiam, e clareamentos dourados. Debaixo dos pés ellesentia o longe trovão das coisas terrenas. Estava como em um balaão que passou o limite dos vapores adensados...

A sonharia foi-se esbatendo até empastar-se no nada...

O rapaz dormia... positivamente.

Como elle estava de seu !

Mas subito um relampago fulge pela rotula da janellinha e segue-se a pancada estridente de uma vidraça que bateu no sobrado fronteiro

Foi como a voz do patrão.

\*

Pouco depois arrastava elle o lençol, como uma capa de rei, pelo quarto em roda, a procura da roupa.

E enchia o mesmo quarto com o irresistivel--ah--de um prolongado bocejo, que tinha para elle o valor inestimavel de uma descarga nervosa.

GIL

### Os insectos na fecundação dos vegetaes

Muito se tem escripto acerca da respiração, transpiração, somno, sensibilidade, movimentos, voracidade, nupcias e migração dos vegetaes; e como preoccupa actualmente a attenção dos sabios mais illustres um facto não menos notavel nesta parte das sciencias naturaes, qual é o de demonstrar-se a influencia dos insectos na fecundação dos mesmos vegetaes, esforçame-hei por dar ligeira noticia sobre o assumpto, que julgo não tanto attrahente quanto maravilhoso.

Desde o fim do seculo passado o celebre naturalista Conrad Sprengel reconheceu que a maior parte das flores nectaríferas não podiam ser fecundadas sinão por intervenção dos insectos.

Juntou observações a observações, dedicou-se seriamente a esse interessante estudo, e ao cabo de muitos annos convenceu-se de q' repugnava a natureza que uma flor completa se fecundasse por si mesma, mas que ao contrario o pollen de uma era transportado sobre o estigma da outra, e tahi inevitavelmente a necessidade para essa operação de agentes exteriores.

A sua obra passou despercebida, e acabou por cahir no esquecimento.

Andrew Knight, que appareceu mais tarde, e procedeu a minuciosas experiencias sobre a autofecundação e a fecundação crusada das mesmas flores, accrescentou a theoria daquelle sabio allemão que: a natureza exigia que se estabelecessem relações sexuaes entre plantas visinhas da mesma especie.

Era o pensamento de Sprengel, e apesar da insistencia com que divulgava os seus escriptos, não teve melhor acolhimento que o seu antecessor.

Foi somente quando appareceu o curioso livro de Darwin, *Fertilization of Orchids*, ha cerca de vinte annos, que ficou conhecida a theoria de que o crusamento em algumas plantas se realisa necessariamente, e é operado em geral pelos insectos em consequencia da adaptação entre estes e aquellas; por exemplo, nas Orchideas, quasi todas as flores são admiravelmente predispostas até nos mais insignificantes detalhes de estrutura á visita dos insectos, de tal modo que não podem elles deixar de operar a fecundação.

Sobre esse facto incontestavel Hermann Muller disse a ultima palavra.

Feita esta succinta exposição historica da theoria floral, vejamos como se effectua a adaptação das plantas entomophilas á fecundação crusada, os meios por ellas empregados para attrahir os insectos, e a adaptação destes para as flores.

Os agentes que concorrem na fecundação das plantas, segundo Delpino, são a agua, o vento e os insectos, razão por

que os botanistas modernos as chamam entomophilas.

Não cabe aqui discrever largamente a disposição das flores dessas plantas, cujos órgãos são formados para receberem a visita dos seus fecundadores.

Muller explica com vantagem o papel que os insectos exercem nesse trabalho quasi obrigado.

Estes em geral e em particular os hymenopteros, representados pelas abelhas, cuja intelligencia é bem conhecida, são os mais notaveis. os que fornecem maior numero de promotores de fecundação.

Está subentendido que são preferidas as plantas diclinas, as dioicas principalmente, cujas flores masculinas e flores femininas se acham em individuos diferentes.

Grande parte destas plantas são fecundadas pelo vento, como as palmeiras, os pinheiros etc., e nestas condições prestam-se a fecundação cruzada, não podendo transmitir-se o pollen si não pelo auxilio dos agentes exteriores.

Aquellas em que o vento tem accção directa, chamam-se anemophilas, e o processo de sua reprodução já era conhecido desde o tempo de Herodoto, de Prosper Alpin que o observou entre os Orientaes.

Os Egypcios e até os Negros tem d'elle conhecimento, e o botanista Gleditsch o affirma, quando refere o facto da palmeira que vicejava no seu jardim na capital da Prussia, a qual conservando-se estéril, fez vir de Dresda pollendo outra da mesma especie, mas de sexo differente, e dentro em pouco o lindo vegetal apresentava-se carregado de fructos.

Dotados de aparelhos apro-

priados ao fim a que se destinam, isto é, armados de escovas no ventre e nas patas para colherem os granulos pollinicos, os insectos nas visitas as suas favoritas esfregam o abdomeu e deixam cahir no leito nupcial o pó benéfico, que as torna fecundas.

Burdach, o notavel physiolista allemão, leva seu entusiasmo por essa theoria á ponto de dizer que as flores não conservam sua pureza originaria, si não porque seus fiéis visitantes lhes consagram toda a sua ephemera existencia e não frequentam nunca outra especie.

Em compensação dos grosos que delles recebem, ellas, as flores, offerecem-lhes delicias que os attrahem á novas visitas.

Alem dos nectarios, onde encontram agradável alimento, os sedusem ainda pelas cores vivas e pelo aroma, ora suave, ora nauseabundo.

Si em alguma, a disposição do estigma torna impossivel a autofecundação, as petalas brilhantes da corolla fazem attrahir os fecundadores.

E' facto averiguado que os insectos, visitando grande numero de flores, preferem as de colorido mais activo.

Com relação as que se expandem á noite, que em geral são de côr branca e amarello pallido para mais sobresahirem na escuridade, é pelo perfume que despertam a attenção dos affectuosos amantes, e onde quer que se escondam, elles lá vão ter, levados pela delicadeza de seu aparelho olfativo muito mais sensivel do que o nosso.

Negoli tirou disse a prova. Collocou em alguns ramos flores artificiaes odoriferas pela applicação de essencias e flores naturaes desprovidas de aroma, e reconheceu que to-

dos buscavam de preferencia as primeiras.

Os perfumes suaves attrahem as abelhas, os penetrantes as borboletas, os desagradaveis as moscas (dipteros) que se alimentam de carne em putrefacção.

Não há, pois, duvida que os insectos occupam o primeiro logar entre os agentes fecundadores, e que se adaptam as flores, como estas a elles, pelo que se pode concluir com Dodel-Port que «cem mil especies de vegetaes teriam desaparecido rapidamente da superficie do globo, si cessassem de reproduzir flores coloridas e nectaríferas.

ANTONIO BEZERRA.

### PELO MUNDO ARTISTICO.

As ultimas novidades theatraes em Pariz, são: *L'Affaire Clémenceau*, peça em cinco actos, extrahida do romance de Dumas, Filho, com o mesmo titulo, e *La Lycéenne*, comedia extravagante, em tres actos, de Feydeau, com alguns numeros de musica, escriptos pelo compositor Serpette, e que veio provar mais uma vez a crise por que está passando a opereta em Pariz. Pelo menos, os theatros dedicados a este genero tem-se agarrado este anno ao *Vau-deville*, que já teve a sua época de popularidade.

Na Allemanha, entretanto a opereta vai progredindo cada vez mais. Infelizmente, os librettistas são mediocres e estão muito á quem dos francezes.

Vae ser extrahida uma peça do victoriado romance «Mesonges» de Paul Bourget.

Sobe a scena proximately, no Vaudeville, uma nova comedia em tres actos, de Alexandre Hepp, intitulada: «La maison du Bon Dieu».

★

Camille Ondinot conclue n'este momento uma nova peça, estudo de costumes, que tem por titulo: «Adultere sentimental».

★

Emilio de Najac leu aos artistas do «Renaissance» uma peça em tres actos, escripta em colloboração com Millaud, e intitulada os «Hypnotisados!» A peça sobe á scena brevemente n'aquelle theatre.

★

Guy de Maupassant vae dar á publicidade um novo romance: «Pierre et Jean».

★

Alphonse Daudet acaba de publicar um novo livro, com o titulo de «Trente ans de Paris.»

★

Bailly e Dubois, extraíram um drama em 5 actos do romance «Le mále», de Lemonnier.

★

O presidente do ministerio italiano, o sr. Crispi, vai organizar um ministerio de bellas artes, para o que solicitou dos governos estrangeiros o texto dos estatutos ou das leis, respectivas á intervenção official em questões relativas ao theatre. Bom seria que fizesse o mesmo em Portugal, onde o direito da propriedade litteraria e theatral continua a ser letra morta.

★

Camille de Saint Sacos está concluindo a sua nova opera «Benvenuto Cellini», que será o grande acontecimento musical de Paris, este anno.

## DUVIDAS

A HERMINO BARROSO

A's montanhas azues que attentamente  
Do firmamento a curva estão fitando  
E vêem quando o sol se alteia e quando  
Desce ás regiões sombrias do occidente;

A's velas que se vão saudosamente,  
Mar em fora, á mercê do vento brando  
Que á flor das aguas mansas passa reente  
E vai de vaga em vaga modulando

Umás canções dulcisonas, suaves;  
Ao fugitivo préstito das aves;  
A's palmas herculeos coqueiraes;

Eu pergunto:—Pra encherço cêo vasio,  
E' branca ou negra a nuvem que o bravo  
E vario vento em seus arcanos traz?....

ANTONIO SALLES.

## PHASES

Era uma candida creança, cheia  
De tons suaves, divinaes, ethereos,  
Loura visão a prometter mysterios  
De insondavel amor.

Eu desejei-a.

Fizera-se mulher; me arrebatava  
Em transportes de amor e de ternura  
Para um Eden de célica ventura  
De ineffaveis delicias.

Eu a amava.

Com santo affecto, as cabezinhas  
(d'ouro  
Ella amima, solícita, enlevada,  
Em luminoso effluvio mergulhada.  
E' a mão de meus filhos.

Eu a adoro.

1887.

B. J.

## A saudade de um anjo

Apenas os labios maternas contraídos por uma dôr enorme pousaram o ultimo beijo nas palpebras arroxeadas de Lili, sua alma innocente e pura voou para o céo.

Uma nuvem dourada pelos raios do sol que acabava de nascer por trás da collina, n'um dia de estio brilhante e formoso transportou-a do mundo á patria dos anjos.

E Lili pensou que sonhava ao vêr-se n'aquella man-

são de delicias, inundado por uma luz que quasi lhe destumbrava os olhos, respirando perfumes mysteriosos e de uma suavidade tal que pareciam se evolar de um immenso vergel de rosas e jasmims.

Os cherubins vieram recebê-lo contando hymnos festivas. Tinham azas deslumbrante e roupagens de finissima gaze e eram todos tão lindos que Lili quedou se a contemplal-os em verdadeiro extasi.

Uns tangiam aureos bandolins, outros tiravam das harpas sons harmonioso, outros enfim dedilhavam instrumentos desconhecidos com uma gentileza encantadora.

A entrada de Lili no céo era uma festa.

Os anjos levaram-no em triumpho para as moradas paradisiacas.

Atravessaram parageus luminosas onde o ar estava impregnado do aroma de incenso e myrra.

Por todos os lados brilhavam flores as mais bellas e que em nada se assemelhavam ás dos jardins terrenos.

lar verdade, não se julgava cousa nonhuma.

O que elle sentia era assim como a bucca da noite de um primeiro amor. Não julgava nada, sentia-se dormente, aspirativo, com disposições para chorar, com tanto que houvesse esperanças de rir ao depois. Ai como ardia por um risosinho! Mas a sua goéla, entupida por uma laryngite inimiga do bom tom, o obrigava a uma seriedade extranha. Como seria bom soltar uma gargalhada! Como não seria satisfactorio conversar!

Havia só dous sentides por onde olle podia communicar-se com o mundo das commoções: a vista e o ouvido.

\* \* \*

Estava como uma pipa esvasiada...

Passavam casas de amarello, de branco, de azul, edificações em preto, espaços de muro, pompudos arvoredos de praças, passeios trilhados por gente domingã, e longinquos casebres de arrabaldes lá no topo esbatido das ruas... Lembro-me bem da cara que lhe fez uma creoula que ia pelo calçamento com os seus alvos dentes nas feições negras, mais alegre do que elle, como si ella tambem estivesse a sentir modorrentamente os embalões da carruagem... O ruido das rodas nas pedras o adormentava... Adiante um rapaz e uma rapariga os encararam como si elles, em vez de carro a descoberto, fossem debruçados pela portinhola... O seu pouco habito d'essas coisas, a bisbilhotice de terra pequena, tudo o convencia de que ia n'uma evidencia extraordinaria... Foi preciso abrir o guarda-sol para amparar contra o poente o rosto de seu velho amigo, e elle ficou na illusão

de que ia com a umbella cobrindo o viatico... As habitações fugiam atadas umas nas outras... O ambiente refrescava, e o céu se alargava como uma enorme colcha azul com pinturas cor de leite e de cinza e de laranja...

As impulsões das molas sacudiam, apparavam, pendiam-no para um lado, sobre o coxim, com umas sensações de carnes abundantes... Foi arrojado a admittir que em vez de um velho tinha a seu lado uma donzella casquilha...

O cocheiro perguntou si parava no cemiterio. O velho disse que sim.

Por entre um alvo collo dos morros se apresentava o enorme lombo do mar azul. Via-se os trilhos do camiinho de ferro escapando-se por entre a garganta vermelha de uma duna rasgada até á raiz... N'uma encosta polvilhada de pequenos mattinhos assentava uma palhoça, d'onde um camiinho obliquo vinha pela areia abaixo, e subia um pequeno andrajoso conduzindo um pote d'agua.

Para o lado de terra branqueava lá no fim de uma avenida depovoada uma egrejiinha nitente... espalhava-se a superficie dos mattos... recortava-se o dorso das serras onde umas nuvens pareciam estar pregadas, e sentia-se os ultimos pestanejamentos do sol. O matiz das orgulhosas copas dos coqueiros, na infinidade verde, com o seu cunho de cultura impingiam-lhes a idéa de que se approximavam de povoados. O velho sorriu como si o aconchegassem á sua terra..

Desejava virar n'um gigante para andar por cima dos mattos como em um relvado, na ôquidão d'aquelle céu, no saudoso d'aquelles grupos de serras, a lobrigar o sol que se

sumia espirrando jactos por entre os vapores, semelhante a uma metralha no momento critico do estoiro...

Abriu-se, n'uma alvenaria caiada, o alto portão do cemiterio.

Uma calçada larga, de tijollos vermelhos, convidou-os a penetrar... Como uma enorme guarita branca, alli erguia-se a capella... O sacristão, na attitude de quem ruma o café do pospasto, conversava com uns amigos no cordão da alta calçada com as pernas penduradas, batendo alternativamente com os tacões n'um epitaphio... Os camiinhos abriam-se entre as obras de marmore, entre as cruces, entre os gradis, entre os pequenos tumulos de alvenaria. O chão ia em declive para dentro. Já estavamos longe dos tumulos do General Sampaio, onde a patria chora sobre uma urna, e do Senador Pompeu, onde uma figura, no topo, encara os horisontes.

Uma floresta de cajueiros e acacias subia de uma floresta de cruces pretas traçadas de letreiros brancos... Muito longe passava a fitinha do muro do fundo... Entramos a arredar a base da capella, um prisma gigantesco, com duas ordens de sepulturas onde se mettem os esquifes como se fossem gavetas...

—Aqui jaz...

—Conheci este, era um excellent cantor.

—E ..

Uma creança reparava para o coveiro, que ia lá por junto das catacumbas do muro, com a enchada ao hombro e uma cambada de peixes na outra mão.

—Estas perpetuas já estão apodrecendo pela chuva..

As photographias occupando o centro das corôas de perpetuas resguardadas por umas

ovaes de flandres envidraçadas, traziam-lhe á idéa aquelles mortos como si elles fossem apenas ausentes ..

Um recinto reservado isolava o repouso eterno de umas freiras...

E como uma enorme pansa, a areia suja upava no abaulado de uma sepultura fresca.

—Aqui estão virgens, meu velho !

Eu moço bateu-lhe no hombro.

—N'estes corações o amor não alevantou os vapores negros da sua fornalha.

O velho a modos que consultou o proprio coração. E como se fora myope, seguiu passando a mão de epitaphio em epitaphio... Ora lia, ora adivinhava as lettras apagadas... uma simples parede, mais ou menos lisa, e até bem adornada... era agradável...

\* \* \*

A mão entrou e os olhos recuaram. Como uma bocca que quer chupar abria-se uma catacumba no muro, subitamente, a unica desoccupada.

—Accaso algum de nós virá encher-a ?!...

Arripiaram os cabellos .. e o rapaz sentiu-se dentro de um esquivo... entrando por aquelle buraco apertado...

Ouvia o ranger do pinho, a falla e o serio dos coveiros, o silencio doloroso dos amigos, e, mais tarde, já estando lá dentro, o barro frio, frescal, bem amassado, a estender-se maciamente, o cabo da colher do pedreiro batendo surdo a acertar a fiada, e o gume cortando no ar um tijollo para dar na forma arqueada da bocca... O pedreiro botou o ultimo tijollo que foi um pedacinho, com uma pitadade barro.. E ficou o interior escuro, abafado, e o morto sentia de si

mesmo um cheiro insuportavel. Estavaa espera que chegassem os senhores vermes. No dia seguinte veriam rebocar a parede, no outro cair, no outro escrever o epitaphio...

—Aqui jaz...

O seu coração inchava e parecia occupar a catacumba inteira...

\* \* \*

O velho puxou-lhe pela aba do frak, estendendo um olhar indicador para um grupo de moças que arroteavam um pequeno mausoleu plantado de semprevivas...

Tinha cesapparecido o doloroso sonho de morte e vinham os bons idéaes de borboleta.

As donzellas vinham para elles.

Houve uma fulminação reproca de olhares...

A catacumba vasia, bem como o coração bohémio do mancebo voltaram ás suas naturaes proporções de casas de aluguel.

OLIVEIRA PAIVA.



## Recibos

—N.º 157 e 158, d'A *Semana*. Rio.

Fallando com franqueza, parece que esta gazeta litteraria desde que o Valentim largou-a está sendo escripta sómente de collaboração, e não por uma redacção. E' assim que se pode explicar a exquisite d'aquella turba-multa de artigos e poesias onde se vê a profnndez critica do Sr. Araripe Junior e a leveza da nova casaca do Sr. Silvio Romero, a sobresahir d'entre uns escriptos já de pennas exercitadas já de verdadeiros estreitantes.

Desde que *A Semana* en-

tendeu augmentar de formato que desappareceu aquella correcção, aquella verve, aquelle pulso masculino que foi o seu successo. D'ahi veio até a mudar completamente de proprietario e de redactores.

Comprehendemos perfectamente o novo programma, que está nas novas idéas do Sr. Silvio Romero. Mas, em nome d'essas mesmas idéas patrioticas, atrevemo-nos a reclamar mais um pouco de selecção—o que não é incompativel com a advocação dos interesses de uma litteratura genuinamente brasileira.

—N.º 3 da *Revista da Familia Academica*.

Os alumnos da Escola Militar, do Rio, costumam ter sempre uma revista, mais scientifica do que litteraria, onde nos dão bellos escriptos sobre philosophia positiva e mathematica, poesias, o critica.

São redactores do novo periodico os Srs, Athayde Junior, Servilio Gonçalves, Edmundo do Barros, que já foram armados cavalleiros para as lides litterarias. Benjamim Liberato Barroso e Candido Mariano da Silva, que, parece-nos, incumbem-se da parte propriamente scientifica.

Traz bons artigos de redacção e collaboração.

—PROJECTO N. NOVENTA E TANTOS e MEFISTO, producções litterarias do baile carnavalesco do dia 28, no Club Iracema.

Merecem leitura, não só como fructos genuinos da epocha, mas tambem como bitola por onde se vê que o carnaval d'este anno ha de ter aquella boa e saudavel fecundidade da Idéa, e como amostra do quanto esta cidade ha adiantado em lettras.

O riso a Cervantes e a Rabellais fuzilla aos borbulhões d'aquella glosa bem intencio-



nada feita aos acontecimentos e aos costumes.

O *Projecto de orçamento*, sobretudo, é de uma satyra enorme.

Agradecemos a visita peregrina d'esses meteoros litterario-carnavalescos, e ficamos... pedindo mais.

## PELO MUNDO ARTISTICO.

Continúa sendo entusiasticamente acolhida a ideia do monumento em honra de Henrique Heine. ideia lançada por um comité, que assim tomou sobre os hombros a realisação do pagamento de uma grande divida da patria allemã ao sublime inspirador dos *Nocturnos* e do *Intermezzo*. Em quasi todos os grandes centros intellectuaes da Allemanha pollulam as adhesões á ideia de perpetuar, no bronze de um monumento, o poeta que nas paginas dos seus livros immortaes legou, por idades e seculos em fora, um gigantesco monumento á sua patria e á humanidade.

A commissão de Dusseldorf, patria de Heine, acaba de receber da imperatriz da Austria, cincoenta mil marcos. A imperatriz, como é sabido, tem sido durante toda a vida uma das maiores entusiastas do *Livro de Lazaro*.

Tudo faz prever um grande exito para os iniciadores da brilhante ideia em honra de um dos maiores espiritos de que o seculo actual se póde, com razão vangloriar.

Inaugurou-se em Paris, o monumento a Edmond About no cemiterio do Père Lachaise.

O monumento feito por subscripção compõe-se de um pedestal de granito sobre o

qual está a estatua do illustre escriptor sentado n'uma poltrona, tendo na mão direita uma penna e na outra o seu livro *A Grecia Contemporanea*.

Reuniu em Lisboa a 2.ª classe da Academia Real das Sciencias para votar o parecer de adjudicação do premio D. Luiz I.

Estavam presentes os srs. Jayme Moniz, Silveira da Motta, visconde de Benalcáfor, Silvestre Ribeiro, João Basto, Teixeira de Aragão, Antonio de Serpa, Dias Ferreira e Pinheiro Chagas socios effectivos e Luiz Augusto Palmeirim, Candido de Figueiredo, Antonio Candido, visconde de Monsaraz, Chrystovão Ayres, Alvaro Rodrigues de Azevedo e Delphim de Almeida, socios correspondentes.

Em votação nominal foi approvedo o parecer que concluia por conceder o premio ao volume de theatro do sr Henrique Lopes de Mendonça, que encerra o *Duque de Vizeu* e a *Noiva*. O parecer foi approvedo por maioria, votando contra os srs. Antonio Candido, visconde de Monsaraz, Chrystovão Ayres, e Candido de Figueiredo, que declararam que a sua opinião era favoravel á adjudicação do premio aos *Amores de Julia* do sr. Souza Monteiro.

O sr. Chrystovão Ayres allegou porém que o seu espirito vacillava entre o *Duque de Vizeu* e os *Amores de Julia*, e que não teria duvida em votar o parecer, querendo apenas com o seu voto concorrer para que a Academia, embora concedesse o premio a uma d'essas obras, não deixasse de manifestar a estima em que tinha a outra.

O Sr. Antonio de Serpa,

que votou o parecer, lamentou que o regulamento lhe não permittisse votar a divisão do premio entre os *Amores de Julia* e o *Duque de Vizeu*.

O maior successo theatral do inverno em Pariz, é o *Abbé Constantin*, no theatro Gynasio.

A *Revue de Deux Mondes*, e com ella concordam todos os jornaes, diz:

« Depois da reabertura dos theatros, só uma peça teve um exito completo o glorioso: «L'abbé Constantin.»

Agora o exito traduzido em dinheiro: de 4 de Novembro a 5 de Dezembro produziu a enorme somma de 203:000 francos, cerca de 90:000\$000.

Devem apparecer brevemente na Côrte as seguintes obras:

Um volume de poesias do sr. Mucio Teixeira;

O *Rei Phantasma*, romance pelo sr. Coelho Netto;

A traducção da *Divina Comedia*, pelo finado barão da Villa da Barra.

A viuva do czar foi habitar o seu palacio da rua de Las Cases em Paris, onde se realisarão este inverno grandes banquetes litterarios e artisticos, soirées, concertos, etc. A princeza, que fez da França a sua segunda patria, é muito querida pelos parisien-ses e é na sua sala que se veem as altas summidades, como Alexandre Dumas, Renan e outros que raro apparecem na sociedade.

Os *Hugguenotes*, de Meyerbeer, prodnziram uma quasi revolução em Muenster, cidade excessivamente catholica. A opera foi alli considerada como um attentado contra o catholicismo.

## ANNUNCIOS

## COLLEGIO

DE

Santa Rosa de Lima

situado no saudavel suburbio do Bemfica, servido pela linha de bonds.

As aulas reabrem-se no dia 15 de fevereiro proximo.

Recebem-se alumnas externas, semi-internas e internas.

Ensino pelos methodos mais modernos.

O programma e condições de admissão serão publicados no «Libertador».

A directora,

*Julia Amaral.*

## CURSO DE FRANCEZ

A partir do dia 15 do corrente recommençará o curso de francez theorico e pratico de Mr. de Viremont, em casas particulares e na residencia do mesmo.

A tratar á rua Formosa n.º 25 ou no escriptorio do «Libertador».

Fortaleza 14 de Janeiro de 1888.

## PVSSEIO PUBLICO

As corridas de cavallinhos são d'ora em diante aos

DOMINGOS,

TERÇAS,

QUINTAS E

## Sabbados

Das 5 horas da tarde ás 9 da noite.

## CONFUCIO

Unico estabelecimento especial em artigos para—USO DOMESTICO. Louças, vidros, mobílias etc.

Objectos para viagens, brinquedos para crianças.

Artigos para jogos, utensilios para escriptorios, banheiros, etc. etc. 59—Rua do Major Facundo—59

Motta Vieira & C.<sup>a</sup>

88--M jor Facundo--88  
FORTALEZA

Importadores e exportadores

## CAFE JAVA

NO ELEGANTE KIOSQUE

DA

Praça do Ferreira

Em frente ao paço municipal.

Café fabricado a capricho. Chocolate unico, como só aqui se fabrica.

Cerveja fria.

Charutos finos e cigarros fabricados especialmente para

CAFE' JAVA

Manoel Pereira dos Santos.

GUILHERME ROCHA & C.<sup>a</sup>

Drogaria



Drogaria

17 RUA FORMOZA N.º 17

## SILVA CARNEIRO &amp; C.

Importadores  
CASA DE COMMISSÕES

ARMAZEM DE ESTIVAS

## MERCEARIA

Generos de superior qualidade por todos os vapores, directamente.

Sortimento de vinhos finissimos.

Rua Formosa-72

## ALFAIATARIA

DE

OLEGARIO A. DOS SANTOS

Praça do Ferreira n.º 54

Obras feitas, batinas, capas romanas e um grande sortimento de obras francezas e roupas por medida.

J. WEILL & C.<sup>a</sup>

A mais antiga casa de JOIAS desta provincia tem sempre escolhido sortimento de tudo que diz respeito a

## JOALHERIA

RELOGIOS de todos os generos Compram sempre ouro velho e modas.

CEARA'

0—RUA DO MAJOR FACUNDO—70

## Pharmácia Albano

GRANDE DEPOSITO

DE

Productos chimicos e especialidades pharmaceuticas nacionaes e estrangeiras.

Sortimento completo de homoeopathia em tintura, globulos e cartelas. Receitas a qualquer hora. Preços modicos.

36—RUA DA BOA-VISTA—36

## LIBERTADORA

48---Rua da Boa-Vista---48

Este immenso estabelecimento sem duvida é o mais notavel na provincia, e que com o systema adoptado até hoje, de vender com insignificante lucro, e servir a todos os seus freguezes com rigoroso esmero, conquistando; assim, a mais plena confiança; recebe-se mensalmente de Paris o que ha de primoroso em FAZENDAS, MODAS E NOVIDADES.

Vende suas mercadorias por preços quasi impossiveis, merecendo assim a Popularidade e sympathia do muito illustrado publico cearense,—especialmente das Exm.<sup>as</sup> Sras.

Contando cinco annos de existencia este notavel estabelecimento, cujas vantagens são aliás reconhecidas por seus proprios collegas, seus proprietarios não tem poupado esforços para melhorar cada vez mais o seu systema em proveito geral, tendo sempre sortimento profuso e escolhido de tecidos do mais apurado gosto e novidade.

# A QUINZENA

PROPRIEDADE DO CLUB LITTERARIO

ANNO II

GERENTE—MANOEL DE OLIVEIRA PAIVA

N. 5

FORTALEZA, 23 DE FEVEREIRO DE 1888.

## SUMMARIO

Expediente ;  
Graphologia criminal. — J. DE SER-  
PA ;  
De preto e de vermelho. — GIL.  
Os insectos na fecundação dos  
vegetaes. — ANTONIO BEZERRA.  
Pelo mundo artistico ;  
Duvidas. — ANTONIO SALLES ;  
Phases. — R. J.  
A saude de um anjo. — JANE DA-  
VY.  
O lazareto — RODOLPHO THEOPHI-  
LO.  
Annuncios.

## EXPEDIENTE

### Assignaturas

Anno . . . . . 68000  
Semestre . . . . . 48000

Não se accitam assignaturas por  
menos de um semestre.

ADMINISTRAÇÃO

Rua do Major Facundo 54

## Graphologia criminal

(NOTAS DE LITTERATURA JURI-  
DICA)

Vivemos em um seculo de  
critica e de analyse. Tudo  
se examina e investiga. « En-  
sinou-se-nos. em tudo, diz  
Daniel Spitzer a perguntar —  
porquê? — e não passa cousa  
alguma, que não tenha força  
para justificar-se deante d'es-  
se — quem vem lá? — proferido  
pela sciencia. (1). »

(1) Dr. Tobias Barretto.  
*Menores e Loucos*, pag. 33.

E', pode-se dizel-o, uma  
tendencia da época. E a ella  
obedeceu o grande psychia-  
tra e profundo observador  
italiano Cezare Lombroso es-  
crevendo o seu monumental  
trabalho — *L' Uomo delinquen-  
te*.

Nesse livro revolucionario,  
digno de ser lido, não só pe-  
la celebridade do autor, mas  
principalmente pelos thesou-  
ros de saber nelle accumu-  
lados, Lombroso afastou se  
muito da idéa exposta e de-  
fendida com ardor pelos pa-  
thologos do crime. O eminen-  
te professor italiano conside-  
ra o delicto e a loucura phe-  
nomenos *semelhantes*, mas  
não *identicos* « Como a doen-  
ça, o delicto tem a sua *ethio-  
logia*. tem mesmo a sua *tera-  
pia*. mas não é uma doença

« Da mesma forma que as  
affecções marbosas propria-  
mente ditas se explicam, ás  
mais das vezes, pela lei bio-  
logica da hereditariedade, as-  
sim tambem os crimes são  
para elle quasi sempre re-  
bentos de *atavismo*, sem que,  
contudo, uma cousa se con-  
funda com a outra » (2).

Mas, ao mesmo tempo que  
o notabilissimo autor do *Ho-  
mem delinquente* se asupe-  
riora a maioria dos escriptores  
que se têm occupado do assum-  
pto, apresenta-nos, no seu *hy-  
perbolismo scientifico*, verda-

(2) Dr. Tobias Barretto  
Estudo sobre C. Lombroso,  
pag. 158.

deiras hypotheses como pon-  
tos assentados na sciencia.

Para provar este asserto,  
basta estudar o capitulo da  
obra consagrada ao *modo de  
escrever dos criminosos*, que  
o Dr Tobias Barreto cha-  
ma muito apropriadamente  
parte *graphologica* do crime.

Pensa o illustre psychia-  
tra, que assim como os gestos  
d'um individuo, a sua voz, a  
sua maneira de pronunciar,  
a sua marcha, todos os phe-  
nomenos devidos á acção de  
certos musculos, dão muitas  
vezes indicações uteis sobre  
o estado de sua alma, trata-  
do-se aliás de movimentos  
instantaneos, que desappare-  
cem apenas produzidos; do  
mesmo modo a calligraphia,  
que é o resultado de um movi-  
mento que permanece duran-  
te muitos seculos, depois de  
manifestado, pode caracteri-  
sar perfeitamente o crimino-  
so. (3)

E depois de lamentar  
que os estudos d'essa especie  
enham tido por objecto a sa-  
tisfação de uma curiosidade  
pueril e não um eslebre-  
cimento scientifico, diz á pag.  
484 da sua obra .

« Si je résume les études  
faites sur mes autographes,  
(que je dois á l'obligeance de  
M. M Alfred Maury, Dire-  
cteur des Archives de Fran-  
ce, de Muoni, de Beltrani—  
Scalia) dont le nombre s'élève

(3) *L' Uomo delinquente*,  
edic. franceza, pag. 483.

à 521, je crois pouvoir les diviser en deux groupes bien distincts.

« Le premier groupe est constitué par les *homicides*, les *voleurs de grand chemin*, les *brigands*. La plus grande partie d'entre eux est *caractérisée* par un allongement des lettres, parce que les gens du métier appellent l'écriture gladiolée, c'est-à-dire la forme plus curviligne et ou même temps plus saillante du prolongement des lettres, soit en haut, soit en bas. Chez un bon nombre, la barre du *t* est forte ou prolongée, comme on le remarque généralement pour les gens de guerre et les personnes énergiques; chez quelques autres les lettres forment avec leurs traits des angles aigus. Chez tous, la signature est ornée d'une quantité de petits traits et d'arabesques qui la distinguent aisément de toute autre.

« Le second groupe, exclusivement composé de voleurs, se distingue nettement de celui qui précède: il offre pas de lettres gladiolées, mais toutes sont écartées, molles; la signature n'a rien de saillant, est presque dépourvue de paraphes. En somme, cette écriture se rapproche de celle de la femme et n'a pour ainsi dire pas de caractère. La caractéristique du groupe se rencontre dans la signature d'Honeyman.

« L'écriture des femmes homicides ressemble beaucoup à celle des assassins du sexe fort. En général, toutes se rapprochent de la forme virile.»

Criticando esta parte da obra de Lombroso, escreve o Dr. Tobias Barreto, *Menores e Loucos*, pag 163:

« Sem contestar o fundo de verdade que ha nas apre-

ciações do sabio italiano, não é possível, contudo, acceder se a todos os seus propositos. O máo caracter de letra de um Cartouche ou de um vidocq pode servir para juntarse, como complemento, ás muitas outras provas do máo caracter do homem; mas considerado em si mesmo, isolado de outros factos, como indicio de qualquer qualidade psychica, é mui difficil crer que signifique alguma cousa, digna de attenção »

Profundamente justa esta observação.

A escripta pode fornecer dados mais ou menos seguros para se conhecer a situação moral, o estado d'alma do individuo - no momento de traçal a. Mas é muito dubitavel, que possa caracterizar precisamente uma classe de homens, e d'entre estes os que são dados a taes ou taes crimes. Affirma Bernard Schmitz que defeitos de pronuncia *podem se tornar* defeitos de caracter. E' o que se pode dizer da escripta. A calligraphia, em sua eloquencia muda, pode fornecer provas de um crime, porque assignala o estado psychico d'aquelle que a traçou. Mas d'ahi a uma indução scientifica vai uma distancia enorme.

E ha ainda a considerar os grandes delinquentes ou se trate d'aquelles que Lombroso denomina *criminosos natos*, ou d'aquelles que, dotados de qualidades extraordinarias, se habituaem facilmente a pratica do crime. Estes podem calligraphar - no momento do delicto ou sob as impressões d'estes, -- com a mesma segurança e tranquillidade das situações normaes.

Então, a que se reduzem as theorias do notavel psychiatra italiano?

Onde a base dos seus estudos graphologicos?

Abstracção feita de uma ou outra injustiça, veem a proposito estas observações d'um profundo criminalista brasileiro:

« Em quanto a philosophia de Kant, Fichte e Hegel dominou o mundo pensante, foi justamente que o numero dos criminalistas philosophos, em nosso seculo, tornou-se legião.

« Hoje, porem, que a direcção dos estudos é diversa, hoje que a philosophia cedeu o passo ás *sciencias naturaes*, de cujos triumphos a medicina é a melhor representante e mais apta vulgarisadora, apparece o reverso da medallha. Os penalistas pathologicos e *psychiatras* surgem aos grupos e tornam, com as suas idéas, pretendidas originaes, não poucos livros e revistas completamente este-reis.

« E' um defeito caracteristico da actualidade. Todos os paizes cultos têm mais ou menos pago o seu tributo á essa tendencia da época. Mas sobretudo na Italia é que o phenomeno já vai tomando as proporções de *mania*. Alli surgiu nos ultimos tempos uma nova escola, que agrupada em torno do professor Lombroso e de outros medicos, *somente medicos*, exagerando por demais a pequena somma de verdades, que a *psychiatria* pode fornecer á *theoria do crime*, tem chegado quasi ao ponto de fazer do direito criminal um anachronismo, e do criminalista um orgão sem funcção, um orgão rudimentar da sciencia juridica.»

Consequencia da falta de limites, nos dominios das sciencias, e mais ainda do *hyperbolismo scientifico* d'es-

sa jeune école presomptueuse, conforme á expressão de Renan

Felizmente para a humanidade as legislações estão ainda muito longe de se deixar fascinar pelo brilho das novas doutrinas. Entre a theoria e a pratica medeia ainda um verdadeiro abysmo.

J. DE SERPA.

## De preto e de vermelho

Um jaqueo encarnado, com enormes botões de papelão, estava a cair das costas da cadeira. Enroscava-se pelo tijolo uma calça de chita. Um collete azul, com um correntão fofo, escanchava-se, como por acaso, no puuho da rede, e no relógio levíssimo escapado da algibeira lia-se uma hora e uns minutos mais adormecidos que o proprio dono. A camisa, toda manchada, como si fôra de um assassino, esparramava-se no pó, e advinhava-se por baixo d'ella a forma de um chapeo de feltro. Um sapato pisava na meza, revirado, entre os livros e os frascos.

Da porta entrecerrada estendia-se uma nesga mais clara, e pelas telhas penetrava em pequenas linguetas symetricas o dia exterior

O tinteiro, entornado, com o fundo azul para cima, com a larga bocca embeijava a tinta derramada como um lago de agua preta. Erguida sobre a meza a estante, com os livros silenciosos de rotulos disparatados com a occasião uns em pilha, uns escorrido e nos outros como bois de carro.

Engoiavam se no cabide roupas de linho servidas.

uma robe de chambre de chita alegre, e andainas diarias. Algumas peças cabidas redobradas pelo proprio peso. N'um gancho um palitô branco retesava as mangas bilateralmente. Sentia se um odor de raizes, de poeira, e de suor.

As varandas da rede não denunciavam o menor movimento, e dentro d'ella se estendia um corpo quasi na direcção das aguas tranquilas.

Entretanto, positivamente, o rapaz não dormia, embora estivesse insensivel a coscega que fizessem as patas de uma mosca passeiando-lhe pelo nariz.

Elle estava era n'um baile de mascaras, melhor do que o verdadeiro, augmentado, completado, com dilicias e com horrores . . .

Elle sentia atroar pelos salões a pancadaria da quadri-lha pavorosa e damnada e louca, vermelha como o sangue vivo, e negra como uns olhos que conheço.

Donzellas trajadas phantasticamente... mancebos de mascara levantada...

Atravez da vidraçaria colorida elle, do seu galope onde o assoalho fugia, avistava duellos sob as espirradeiras do jardim á luz do gaz notivago.

Aconteceu encontrar n'um par cuja dama vestia de rinha do oriente... Havia grupos de homens de ponto em branco nas portas.. Além sobresahia um resplendor n'uns cabellos castanhos... Tremeluziam as cores das phantasias... Via-se braços nus, collos nus... E um adoravel cheiro de virtude envolvia tudo como a luz dos grossos candelabros.

De mãos dadas, apertava e affrouxava o cordão dos pa-

res no en avant tous... O circulo entrava a ondular-se na grande chaine, como as escamas de uma cobra que caminha. De vez em quando uma enluvada maosinha demorava-se mais na d'elle, e temendo o choque dos olhares, punha-se a vista era no peito alheio com uma polidez disfarçada.. E sentia se ali uma irresistivel attração virtuosa de sexo a sexo.. Que enorme differença entre aquelle saráo cearense no pleno gozo das regalias da instituição da familia e as dansas orgiaticas onde elle oxidara o rijo ferro da sua juventude !..

Positivamente, o rapaz não estava dormindo... Agora ia de braços, com outros muitos, e no jardim, na grande luz das lanternas, debaixo da grande noite das estrellas libavam, trocavam ideias, gargalhadas, sentimentos..

Ali sob aquelle galho de jasmims rutilava um barrete phrygio n'um rosto moreno... por tras de uma cadeira encostada a abundante copa de uma palmeirita branqueava uma grinalda de penas, d'onde desciam setinosos cabellos castanhos para um traje canadense... ia, pujante e simples como a lei de Moysés, uma Rachel por aquella avenida e duas outras donzellas metamorphoseadas em duas grandes flores

Luze acolá o alfange de uma Judith e o gume de um ferro de ceifa. Pela vidraçaria gothica, como si fossem pinturas semoventes no vidro, passam mascarados val-sando... um anjo vestido de diabo, e uma nobre menina com o avental e a touca de servente... aquella conduz a rede e o gorro de pe cador... uma, de olhar brandamente sublime tem a tiracollo um cantil de vivandeira onde na-

turalmente está o nectar do batalhão das musas . . .

Treme no tumulto das cabeças a pluma de um chapeo de caçador...

A orchestra agora é branda e sinistra, depois garganteia, ora empurra os pares, ora os deixa correr como a baleia fisgada... Sente-se peito contra peito o arfar de respirações... eternisa-se o minuto bronzeamente gravado na memoria... a pobre nudez humana está completamente transubstanciada pelo milagre das vestimentas e da nevrose... e é-se obrigado a admittir a idéia necessaria de um paraíso...

Ha memnas tenues como a garça e singellas como as grandes magnolias e de vozinha tepida como um afago de rolas, que parecem satisfazer-se apenas e bastante com o calor irradiante do grande sol do prazer que a todos invade... são como os serafins, cujas almas subiram pela sua propria leveza ao morrer o composito nos braços das mãos de infinito olhar sentido.

Ha outras que si tivessem azas iam estas de uma porta a outra... e são como os achanjos valentes los combates miltoneanos... E nuvens surgiam, e clareamentos dourados. Debaixo dos pés ellesentia o longe trovão das coisas terrenas. Estava como em um balaço que passou o limite dos vapores adousados...

A sonharia foi-se esbatendo até empastar-se no nada...

O rapaz dormia... positivamente.

Como elle estava de seu !

Mas subito um relampago fulge pela rotula da janellinha e segue-se a pancada estridente de uma vidraça que bateu no sobrado fronteiro

Foi como a voz do patrão.

\*

Pouco depois arrastava elle o lençol, como uma capa de rei, pelo quarto em roda, a procura da roupa.

E enchia o mesmo quarto com o irresistivel--ah--de um prolongado bocejo, que tinha para elle o valor inestimavel de uma descarga nervosa.

GIL

### Os insectos na fecundação dos vegetaes

Muito se tem escripto acerca da respiração, transpiração, somno, sensibilidade, movimentos, voracidade, nupcias e migração dos vegetaes; e como preoccupa actualmente a attenção dos sabios mais illustres um facto não menos notavel nesta parte das sciencias naturaes, qual é o de demonstrar-se a influencia dos insectos na fecundação dos mesmos vegetaes, esforçame-hei por dar ligeira noticia sobre o assumpto, que julgo não tanto attrahente quanto maravilhoso.

Desde o fim do seculo passado o celebre naturalista Conrad Sprengel reconheceu que a maior parte das flores nectaríferas não podiam ser fecundadas sinão por intervenção dos insectos.

Juntou observações a observações, dedicou-se seriamente a esse interessante estudo, e ao cabo de muitos annos convenceu-se de q' repugnava a natureza que uma flor completa se fecundasse por si mesma, mas que ao contrario o pollen de uma era transportado sobre o estigma da outra, e tabi inevitavelmente a necessidade para essa operação de agentes exteriores.

A sua obra passou despercebida, e acabou por cahir no esquecimento.

Andrew Knight, que appareceu mais tarde, e procedeu a minuciosas experiencias sobre a autofecundação e a fecundação crusada das mesmas flores, accrescentou a theoria daquelle sabio allemão que: a natureza exigia que se estabelecessem relações sexuaes entre plantas visinhas da mesma especie.

Era o pensamento de Sprengel, e apesar da insistencia com que divulgava os seus escriptos, não teve melhor acolhimento que o seu antecessor.

Foi somente quando appareceu o curioso livro de Darwin, *Fertilization of Orchids*, ha cerca de vinte annos, que ficou conhecida a theoria de que o crusamento em algumas plantas se realisa necessariamente, e é operado em geral pelos insectos em consequencia da adaptação entre estes e aquellas; por exemplo, nas Orchideas, quasi todas as flores são admiravelmente predispostas até nos mais insignificantes detalhes de estrutura á visita dos insectos, de tal modo que não podem elles deixar de operar a fecundação.

Sobre esse facto incontestavel Hermann Muller disse a ultima palavra.

Feita esta succinta exposição historica da theoria floral, vejamos como se effectua a adaptação das plantas entomophilas á fecundação crusada, os meios por ellas empregados para attrahir os insectos, e a adaptação destes para as flores.

Os agentes que concorrem na fecundação das plantas, segundo Delpino, são a agua, o vento e os insectos, razão por

que os botanistas modernos as chamam ontomophilas.

Não cabe aqui discrever largamente a disposição das flores dessas plantas, cujos órgãos são formados para receberem a visita dos seus fecundadores.

Muller explica com vantagem o papel que os insectos exercem nesse trabalho quasi obrigado.

Estes em geral e em particular os hymenopteros, representados pelas abelhas, cuja intelligencia é bem conhecida, são os mais notaveis. os que fornecem maior numero de promotores de fecundação.

Está subentendido que são preferidas as plantas diclinas, as dioicas principalmente, cujas flores masculinas e flores femininas se acham em individuos diferentes.

Grande parte destas plantas são fecundadas pelo vento, como as palmeiras, os pinheiros etc., e nestas condições prestam-se a fecundação cruzada, não podendo transmitir-se o pollen si não pelo auxilio dos agentes exteriores.

Aquellas em que o vento tem accção directa, chamam-se anemophilas, e o processo de sua reprodução já era conhecido desde o tempo de Herodoto, de Prosper Alpin que o observou entre os Orientaes.

Os Egypcios e até os Negros tem d'elle conhecimento, e o botanista Gleditsch o affirma, quando refere o facto da palmeira que vicejava no seu jardim na capital da Prussia, a qual conservando-se estéril, fez vir de Dresda pollendo outra da mesma especie, mas de sexo differente, e dentro em pouco o lindo vegetal apresentava-se carregado de fructos.

Dotados de aparelhos apro-

priados ao fim a que se destinam, isto é, armados de escovas no ventre e nas patas para colherem os granulos pollinicos, os insectos nas visitas as suas favoritas esfregam o abdomeu e deixam cahir no leito nupcial o pó benéfico, que as torna fecundas.

Burdach, o notavel physiolista allemão, leva seu entusiasmo por essa theoria á ponto de dizer que as flores não conservam sua pureza originaria, si não porque seus fiéis visitantes lhes consagram toda a sua ephemera existencia e não frequentam nunca outra especie.

Em compensação dos grosos que delles recebem, ellas, as flores, offerecem-lhes delicias que os attrahem á novas visitas.

Alem dos nectarios, onde encontram agradável alimento, os sedusem ainda pelas cores vivas e pelo aroma, ora suave, ora nauseabundo.

Si em alguma, a disposição do estigma torna impossivel a autofecundação, as petalas brilhantes da corolla fazem attrahir os fecundadores.

E' facto averiguado que os insectos, visitando grande numero de flores, preferem as de colorido mais activo.

Com relação as que se expandem á noite, que em geral são de côr branca e amarello pallido para mais sobresahirem na escuridade, é pelo perfume que despertam a attenção dos affectuosos amantes, e onde quer que se escondam, elles lá vão ter, levados pela delicadeza de seu aparelho olfativo muito mais sensivel do que o nosso.

Negoli tirou disse a prova. Collocou em alguns ramos flores artificiaes odoriferas pela applicação de essencias e flores naturaes desprovidas de aroma, e reconheceu que to-

dos buscavam de preferencia as primeiras.

Os perfumes suaves attrahem as abelhas, os penetrantes as borboletas, os desagradaveis as moscas (dipteros) que se alimentam de carne em putrefacção.

Não há, pois, duvida que os insectos occupam o primeiro logar entre os agentes fecundadores, e que se adaptam as flores, como estas a elles, pelo que se pode concluir com Dodel-Port que «cem mil especies de vegetaes teriam desaparecido rapidamente da superficie do globo, si cessassem de reproduzir flores coloridas e nectaríferas.

ANTONIO BEZERRA.

### PELO MUNDO ARTISTICO.

As ultimas novidades theatraes em Pariz, são: *L'Affaire Clémenceau*, peça em cinco actos, extrahida do romance de Dumas, Filho, com o mesmo titulo, e *La Lycéenne*, comedia extravagante, em tres actos, de Feydeau, com alguns numeros de musica, escriptos pelo compositor Serpette, e que veio provar mais uma vez a crise por que está passando a opereta em Paris. Pelo menos, os theatros dedicados a este genero tem-se agarrado esta anno ao *Vau-deville*, que já teve a sua época de popularidade.

Na Allemanha, entretanto a opereta vai progredindo cada vez mais. Infelizmente, os librettistas são mediocres e estão muito á quem dos francezes.

Vae ser extrahida uma peça do victoriado romance «Mesonges» de Paul Bourget.

Sobe a scena proximately, no Vaudeville, uma nova comedia em tres actos, de Alexandre Hepp, intitulada: «La maison du Bon Dieu».

★

Camille Ondinot conclue n'este momento uma nova peça, estudo de costumes, que tem por titulo: «Adultere sentimental».

★

Emilio de Najac leu aos artistas do «Renaissance» uma peça em tres actos, escripta em colloboração com Millaud, e intitulada os «Hypnotisados!» A peça sobe á scena brevemente n'aquelle theatre.

★

Guy de Maupassant vae dar á publicidade um novo romance: «Pierre et Jean».

★

Alphonse Daudet acada de publicar um novo livro, com o titulo de «Trente ans de Paris.»

★

Bailly e Dubois, extraíram um drama em 5 actos do romance «Le mále», de Lemonnier.

★

O presidente do ministerio italiano, o sr. Crispi, vai organizar um ministerio de bellas artes, para o que solicitou dos governos estrangeiros o texto dos estatutos ou das leis, respectivas á intervenção official em questões relativas ao theatre. Bom seria que fizesse o mesmo em Portugal, onde o direito da propriedade litteraria e theatral continua a ser letra morta.

★

Camille de Saint Sacos está concluindo a sua nova opera «Benvenuto Cellini», que será o grande acontecimento musical de Paris, este anno.

## DUVIDAS

A HERMINO BARROSO

A's montanhas azues que attentamente  
Do firmamento a curva estão fitando  
E vêem quando o sol se alteia e quando  
Desce ás regiões sombrias do occidente;

A's velas que se vão saudosamente,  
Mar em fora, á mercê do vento brando  
Que á flor das aguas mansas passa rente  
E vai de vaga em vaga modulando

Umás canções dulcisonas, suaves;  
Ao fugitivo préstito das aves;  
A's palmas herculeos coqueiraes:

Eu pergunto:—Pra encherço cêo vasio,  
E' branca ou negra a nuvem que o bravo  
E vario vento em seus arcanos traz?....

ANTONIO SALLES.

## PHASES

Era uma candida creança, cheia  
De tons suaves, divinaes, ethereos,  
Loura visão a prometter mysterios  
De insondavel amor.

Eu desejei-a.

Fizera-se mulher; me arrebatava  
Em transportes de amor e de ternura  
Para um Eden de cêlica ventura  
De ineffaveis delicias.

Eu a amava.

Com santo affecto, as cabezinhas  
(d'ouro  
Ella amima, solícita, enlevada,  
Em luminoso effluvio mergulhada.  
E' a mão de meus filhos.

Eu a adoro.

1887.

B. J.

## A saudade de um anjo

Apenas os labios maternas contraídos por uma dôr enorme pousaram o ultimo beijo nas palpebras arroxeadas de Lili, sua alma innocente e pura voou para o cêo.

Uma nuvem dourada pelos raios do sol que acabava de nascer por tráz da collina, n'um dia de estio brilhante e formoso transportou-a do mundo á patria dos anjos.

E Lili pensou que sonhava ao vêr-se n'aquella man-

são de delicias, inundado por uma luz que quasi lhe destumbrava os olhos, respirando perfumes mysteriosos e de uma suavidade tal que pareciam se evolar de um immenso vergel de rosas e jasmims.

Os cherubins vieram recebê-lo contando hymnos festivas. Tinham azas deslumbrante e roupagens de finissima gaze e eram todos tão lindos que Lili quedou se a contemplal-os em verdadeiro extasi.

Uns tangiam aureos bandolins, outros tiravam das harpas sons harmonioso, outros enfim dedilhavam instrumentos desconhecidos com uma gentileza encantadora.

A entrada de Lili no cêo era uma festa.

Os anjos levaram-no em triumpho para as moradas paradisiacas.

Atravessaram parageus luminosas onde o ar estava impregnado do aroma de incenso e myrra.

Por todos os lados brilhavam flores as mais bellas e que em nada se assemelhavam ás dos jardins terrenos.



Lili procurava recordar-se do que lhe havia acontecido.

Lembrava-se que estivera muito doente, que sua mãe não se afastára um só instante de junto de seu pequeno leito, que lhe vira sempre nos olhos vestígios de pranto, que ella o beijára repetidas vezes com muito carinho.

Tinha sentido um peso estranho na cabeça, um entorpecimento em todo o corpo. Um frio glacial se apoderára d'elle, sentira vontade de dormir e fechára os olhos.

Depois... não se lembrava de mais nada.

Por isso figurava-se-lhe sonho tudo o que estava vendo. Achava-se muito á vontade entre aquella legião de anjos risonhos e carinhosos, era tão bonito tudo o que o rodeava que elle não desejava acordar.

Transformára-se em cherubim. Tinha azas transparentes como os raios de uma estrella e um diadema de esplendidos diamantes ornava-lhe a fronte.

Tornára-se leve como uma borboleta e voava inebriado de felicidade a par de seus amiguinhos por entre o exercito de bemaventurados e virgens cercadas de esplendor divinal.

Aproximaram-se de um throno illuminado por um fulgôr ainda mais bello e intenso.

Os perfumes tornavam-se mais enbriagantes, os cantos mais ungidos de amor junto do solio magestoso do santo dos santos.

Lili ante aquelle espectaculo surpreendente e sublime comprehendeu o que acontecia. Estava no céu!

Aquella delectável habitação era o paraíso. Sua mãe falára-lhe tantas vezes.

—Si fôres bom e obediente, meu filho, diria-lhe ella, Deus gostará de ti e te reservará um lugar junto de seu throno.

Realisára-se a promessa; elle estava perto do throno de Deus.

Mas então tinha morrido sem sentir dôr alguma. A doença lhe havia minado pouco a pouco a existencia e elle se finára como flôr a que falta seiva e orvalho.

Como era bom morrer pequenino!

No céu só havia risos, musicas e perfumes; nem um rosto triste, nem uma sombra de dôr.

Deus beijava as frentes dos seus anjos com ternura do pae e a Virgem alisava-lhes os louros cabellos, envolvendo-os em carinhos verdadeiramente maternas.

O mundo era tão feio e triste!

Pequenino como era Lili não comprehendêra suas misérias e sofrimento; mas vira muitas lagrimas nos olhos dos pobres que estendiam a mão pedindo com que matar a fome. Creanças de sua idade andavam quasi nús e descalças atravez das ruas nos longos dias de inverno expostas á chuva, e á lama.

No céu porém, eram todos formosos como um riso d'alvorada, trajavam riquissimas galas, não havia ricos nem pobres, todos sentiam o mesmo prazer e tinham direito á mesma felicidade.

Mas no meio d'aquelle viver inexprimivel, d'aquelles gosos sem macula que transportavam as almas eleitas em um rapto de intima adoração aos pés de Deus, entre aquelles canticos que deliciavam os ouvidos e aquelles aromas que se espargiam cada vez mais suaves, cercado

da infinidade de cherubins e seraphins que acompanhavam o sequito imponente das virgens e dos justos Lili teve saudades do mundo.

Lembrou-se de sua mãe que lhe queria tanto e que devia estar inconsolavel pela sua morte.

Teve sêde de seus beijos, de seus affectos, de todas aquellas caricias com as quasi ella o festejava quando abria os olhos todas as manhãs.

O céu com todos os anjos, archanjos, virgens, santas e martyres não valia um só dos affagos d'ella.

E Lili sentiu uma saudade profunda. Trocaria tudo aquelle que ainda ha pouco o extasiava por alguns dias mais passados junto de sua mãe.

Deus viu o que se passava na alma do pequeno cherubim e se apiedou de sua tristeza.

A mesma nuvem dourada envolveu-o como uma rêde de luz e opala, e em breve foram desaparecendo a seus olhos todas as belezas e esplendores da mansão bemaventurada.

Lili viu-se no seu leito e sentio nos labios a doçura de um beijo de sua mãe, ao mesmo tempo que um alegre raio de sol vinha brincar-lhe no rosto.

JANE DAVY.

## O LAZARETO

(FRAGMENTO DE UM LIVRO)

Caminhavamos pela praia. A cidade da Fortaleza nos ficava ao norte e seguíamos o rumo de oeste.

A manhã era clara e serena, o mar espreguiçava-se na

costa nua e no espelho das aguas retratava-se uma procissão funebre, que acompanhavamos.

O nosso espirito concentrava-se em meditações tristes e profundas! A epidemia da variola havia chegado ao auge da devastação! Mais de cem mil variolosos de todas as classes gemiam na capital e seus arrabaldes, levando assim a calamidade o luto, a desolação á todas as habitações!

Nós seguíamos o cortejo funebre. Uma fila de mais de trezentos cadaveres ia para a vala mortuaria. Aquelle immenso enterro aterrava e compungia! Por sudario as vestes rotas de retirante e por esquife tinham os mais felizes a pobre rede em que dormiam! Outros, entretanto, por mortalha e féretro um grosso panno de estopa em que eram envolvidos e atados á um páo para poderem ser conduzidos a sepultura!

Caminhavamos tristes e desalentados. O modo pouco decente porque eram levados ao cemiterio as victimas da variola, aquella incuria da hygiene publica era a prova a mais evidente da enormidade do flagello!

Seguimos até o lazareto da Lagoa Funda. Tinhamos escoibido aquella manhã para as tristezas, para os desalantos.

Entramos nos dominios do soffrimento, da morte.

Tristes logares, habitação da dor!

O que será um lazareto de variolosos, perguntarão os leitores que tiveram a felicidade de nunca vizital-o. Nada mais que um mar de pús onde boiam enfermos, moribundos e mortos! Onde a todos os momentos ouve se desde o lento gemido da extrema agonia até o grito estridente e desconcertado da loucura!

As enfermarias regorgitavam de enfermos! Havia de tudo! Corpos em carne viva, como se um caustico de brazas lhes houvesse destruido a epiderme, e porisso mesmo sensiveis ao menor choque, ao peso dos proprios tecidos! infelizes, loucos pela doença, rasgando as pustulas com as unhas e comendo a crosta coberta de pús! desgraçados já sem razão, entre a vida e a morte á darem gemidos profundos, ais magoados, com os tecidos podres, nos delirios quasi da agonia, procuravam estar de pé, mas a carne já putrefata se de-pregava dos ossos e ficava agarrada ao chão do lazareto!

Nós percorriamos a passo lento as enfermarias.

Tudo fugira! As portas do mundo de illuzões se haviam fechado aos enfermos e n'aquelle pavoroso recinto gemeriam sós e esquecidas se a caridade não os procurasse.

Via-se alli o sublime e o horrendo! O espirito ao mesmo tempo que se abatia ante o soffrimento d'aquella porção da humanidade se elevava ao incomprehensivel! Era o sublime, era a caridade.

O bispo da diocese D. Luiz Antonio dos Santos, enfermo e velho, grave como a consciencia do justo a ministrar socorros espirituaes aos desgraçados que apodreciam em vida!

Em sua physionomia não se percebia um gesto de contrariedade, um traço de repugnancia ao pús fétido que muitas vezes molhava-lhe as mãos, salpicava as suas vestes sagradas! No meio d'aquellas scenas de dor destacava-se a figura do apostolo do Crucificado á confortar os que d'elle se aproximavam!

A sua missão era tão ardua, quanto sublime!

Elle era o conforto, a espe-

rança d'aquelles desgraçados. Commovidos ouviamos as palavras de consolação unguidas de ternura e de bondade com que elle procurava confortar a alma dos infelizes moribundos. Que exemplos edificantes de piedade christã! Como suaves eram as suas palavras!

Dez annos depois o Ceará dava ao apostolo da caridade, graças a iniciativa do seu successor o venerando bispo D. Joaquim José Vieira, uma prova de que não se havia esquecido dos beneficios recebidos d'elle nos dias das provações as mais crueis; ia perpetuar o seu nome e a gratidão de seus filhos eregindo-lhe um monumento.

RODOLPHO THEOPHILO.

## ANNUNCIOS

### ALFAIATARIA

DE

OLEGARIO A. DOS SANTOS  
Praça do Ferreira n.º 34

Obras feitas, batinas, capas romanas e um grande sortimento de obras francezas e roupas por medida.

### J. WEILL & C.<sup>a</sup>

A mais antiga casa de JOIAS desta provincia tem sempre escolhido sortimento de tudo que diz respeito a

**JOALHERIA**

RELOGIOS de todos os generos

Compram sempre **ouro velho** e moedas.

CEARA'

70—RUA DO MAJOR FACUNDO—70

### GUILHERME ROCHA & C.<sup>a</sup>

Drogaria



Drogaria

17 RUA FORMOZA N.º 17